

# ALVORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

3.º Ano—N.º 129

Editor, Abel de Vasconcelos Gardoza

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da República

Guimarães, 8 de Maio de 1913

Comp. e impressão, Tip. Minerva Vimaranesa

## A Citânia de Briteiros

Do arraial destroçado que são as citânias pre-romanas de Briteiros, nos arredores de Guimarães, a mais imediata impressão é a de um vasto campo de luta, ainda quente da última peleja, e que um vendaval imenso varreu, com homens e edificios, como por castigo às atrocidades estupendas dos povos bárbaros que as habitaram.

Roteiros indecisos de arruamentos, fragmentos de edificios, golpes fundos e longos de aqueductos subterrâneos rompendo a montanha e hoje habitados pelas silvas agrestes, as covas abertas e profanadas das necrópoles, o esboço circular das construções—tudo sugere, recordando a catástrofe e a ruína. Naqueles planos de serra (qual dos dois mais impressionante) uma natureza passada, sepulta em cinzas, pára e abisma ao centro da natureza averdiscada e húmida dum circular e arraizado horizonte de paizagens. Fumos de lareiras aldeãs sobem no ar quieto da tarde, azulados e vagos, enquanto vêm perto, em frente de nós, o lugar onde a encenação familiar não anima, já, rústicos e encantadores costumes domiciliários. Teem a cal agreste dos pedregulhos calcinados de milhares de estações aquelas lages e terras de curioso estudo étnico. Uma saudade intensíssima brota da dramática exposição daquelas ruínas evocadoras; como se, realmente, homens e edificios, vistos minutos antes, tivessem deixado pouco mais que pousar a poeira do seu último combate e da sua perdição irremediável.

Subir de S. Pedro de Donim—linda aldeia de cravos e valverdes—pelo sêro da Citânia de Santo Estevão de Briteiros, nos dias máximos de calor, é semelhante a um trabalho aguerrido e atrevido da meia idade, porque a poeira negra da montanha, no largo banho de suor que nos cobre, produz um indefinido cansaço com aquele bater consecutivo de urzes e pedreiras. Meio corpo do monte cobre-se ainda das vegetações frescas do campo, de acampamentos altivos e cerrados de pinheirais, por entre os quais o sol se cõa no relvado em admiráveis redes de ouro. Mas a montanha despe-se; tem o tronco nú e musculoso. E logo as escarpas se sucedem, difíceis e traindo os passos, para serem vencidas a pau ferrado, incidindo a terra com a coragem tenaz de um assalto de guerrilheiros—tanto é o perigo que nos atemorisa e a vontade curiosa que nos assalta mais e mais.

Os vales vão descendo e crescendo, como se tivessem a mais vasta seqüência nos montes fronteiros e vestidos de verdura. Tem-se, a todo o momento, a impressão do ingresso ao mastro de um navio sobre o movimento das vagas altas e inconstantes.

A razão porque descrevemos e

estudamos as cidades mortas de Briteiros são os documentos de arte micénica, imprescindíveis para o nosso ensaio etnográfico sobre as artes populares do Minho, que nas citânias mais que em nenhuma outra localidade abundam, valiosíssimos.

Efectivamente, os documentos dessa arte apagada, de um alfabeto artístico quasi insignificante mas rarissimo, precisa para a coordenação dos factos históricos relativos à evolução artística, marcou um período de atracção muito geral, muito inconfundível. Não pode dizer-se que a passagem da arte micénica pelas estações históricas do ocidente da Europa fôsse infrutífera. Para que um alfabeto artístico chegue até ao momento em que o povo o recebe e utiliza, é necessário que muito se tenha evidenciado, que o hábito se torne, por assim dizer, o seu melhor reclamo. E isto muito principalmente, com povos de insignificante cultura e quasi só vibráteis, suggestionáveis, com os documentos policromos—aqueles que mais ferem a vista, que de um modo mais rápido gravam a sua expressão.

Os documentos da pedra, nessa época mal colocados e custosos de interpretação, eram os que só pela ausência de competidores coloridos estavam em circunstâncias de serem utilizados. Aqueles a que nos referimos são dessa espécie. Belos, sem dúvida; mas belos, ao primeiro encontro, só para os juizes eruditos, para os individuos que facilmente deduzem do seu mérito ou pela sua educação científica ou, pelo menos, pela lúcida intuição que possuem. Porque, em verdade, só muito consciente ou inteligentemente se podem explicar a graça e o mérito de um exemplar de arte exótica, difficil de estudar-se, e, neste caso, mais difficil ainda para o esclarecimento da sua estranha situação entre nós.

O que já não podemos é continuar afirmando que os elementos de arte micénica passaram de um modo fugaz e ocasional entre os castros pre-romanos de Briteiros—o seu melhor reportório. Eles, do mesmo modo porque exerceram uma altíssima influencia na evolução de um determinado grupo de artes populares, chegaram também ao extremo erudito das applicações artísticas—foram um motivo de embelezamento architectónico, servindo a maioria das decorações que existem no precioso templo de Balsemão, nos arredores de Lamego.

E porque assim succedeu, fique contudo bem definido, desde já, que de modo algum podemos admitir a hipótese de terem sido os ornatos daquele templo os transmissores, aos operários rurais, das belas esculturas dos seus produtos ingénuos e admiráveis. Não estão na Citânia e no Sabroso, actualmente, os documen-

tos de pedra lavrada a que nos referimos. Como critério e como prova de incomparável estima que lhes votava, Martins Sarmiento, ao terminar a exploração científica dos dois castros, enviou-os cuidadosamente ao arquivo do museu arqueológico de Guimarães. Mas nem por isso as citânias pre-romanas deixaram de interessar-nos. Pelo contrário; é muito mais suggestivo o lugar deserto onde esses raros materiais estiveram sepultos milhares de anos, porque não nos deixa de recordar, semelhante ausência, quanta provabilidade podíamos ter em subtrair, com futuras escavações, muitos outros exemplares preciosos, talvez capazes de darem a este difficil problema da sua situação entre nós uma solução definida e iniludível.

Curioso, pela associação de factos, o caso de os mais notáveis elementos de arte micénica recolhidos em Portugal surgirem precisamente no meio provincial que com eles mais engrandece as suas feitorias de obra rústica. E, realmente, muito interessante que surjam, despertando o interesse dos estudiosos, precisamente no centro de uma provincia que fabrica esses incorporáveis jugos lavrados. Porque, dado que não possamos estabelecer praso de vida à civilização micénica no noroeste da península, o que desde já podemos afirmar é que não foi passageiro, rápido, o estadio do povo que a introduziu na nossa terra—isto ainda que o praso que lhe succedeu, enorme, muito podesse obrar nesta adaptação curiosa.

A classificação erudita dos elementos micénicos das estações de Briteiros nunca soffreu uma hesitação. São palpáveis, médios e liga-os o instinto de um homem inteligente, porque nada tem semelhanças tão consoladoras. São os mesmos cetrascelos, tetraslos, os mesmos torsos que a «memória» notável de Cartailac reune e compara. Martins Sarmiento chega a afirmar que alguns dos elementos recolhidos no valiosissimo museu de Guimarães são artisticamente superiores aos que o sábio alemão menciona.

E', sobretudo, notável e feliz a casualidade de encontro. Que seriam os jugos rurais se não adoptassem os vasos e ornamentos dessa arte pre-histórica? Sem dúvida que não teriam tão cedo encontrado um alfabeto artistico de tão singular expressão. Seriam, talvez, singelos e vulgares como os ornatos da cerâmica vermelha e negra; ou talvez, tão inverosímeis como o estão sendo actualmente desde que variados e incongruentes motivos nacionais estão passando utilizados na sua ornamentação, sem constituirem uma fonte de interpretação assás metódica e aceitável. O problema dessa arte pitoresca, porque está latente um conflito de ordem artistica verdadeiramente atendível, resolve-se assim: ou o regresso às primitivas fontes de inspiração, seguindo o compêndio das decorações micénicas, ou o estabelecimento erudito de um compêndio exclusivo e caracteristicamente nacional, reproduzindo todos os motivos que nos meios

rurais evidentemente se apropriem.

Isto só.

Alfredo Guimarães.

## IDÍLIO CÓMICO

Aquilo que me lembra com mais gosto  
Dêsse cômico amor intermitente  
E' uma noite cálida de Agosto  
Em que ambos nos beijamos longamente,  
Estê luzir no céu a madrugada...

Eu de cá

E tu de lá

—Duma porta envidraçada

(Convém explicar, talvez,

Que succedera um entrave:

A porta estava fechada

E não tínhamos a chave).



## NOTAS E FACTOS

### O golpe

Falta juntar o nosso protesto ao protesto da imprensa sensata—exceptuando dêsse número a quella imprensa que só protesta contra os cometimentos gorados—e vamos fazê-lo em poucas palavras.

Que tinham em vista esses revolucionários... de officio, que vieram para a rua aos gritos de «viva a República radical?»

Implantar, de facto, um sistema de republica mais radical?

Loucos! A República Portuguesa só pode ser mais radical... se republicanizarem primeiro os costumes!

Em tudo... erro de tática.

### O caso das luminárias

Para prova de que este assunto já não enche meia columna de gazeta, basta ver-se que a fôlha de nabica, dominical, se aproveitou do titulo do assunto... para chamar as atenções falando de si, das suas qualidades e merecimentos, como hortaliça.

Pois se eles, os interessados, já não alimentam,—à falta de santos degolados e velas partidas—o rico escandalosinho sacrilego, não seremos nós quem os vamos inspirar.

Fiquemos, pois, por aqui.

### O inquérito

Foi nomeado para proceder ao apuramento do caso das luminárias, ocorrido na noite de 20 de Abril, no edificio do Internato Municipal, o sr. António Justino Ferreira, activo inspector primário dêsse circulo.

Deu já começo ao seu trabalho. Julgamos conveniente que seja chamada a depor a gazeta dominical, para que, sem embargo, diga quantos santos viu degola-

dos, quantas velas encontrou partidas... e não sabemos que mais.

### Sem termos

Vê este jornal com jubilo que o operariado da nossa terra se vá pouco e pouco, dentro duma organização consciente, libertando e socializando—como tantas vezes o tem demonstrado. O que sobremodo desgosta é que o nosso operariado suponha ir mais depressa por tal caminho, aqorragando indignações e revoltas contra a Republica, sem se lembrar—impolítico e inoportuno que é—que semelhante atitude, na conjuntura, só aproveita aos inimigos de todo o avanço social.

—Vem isto a propósito de quê? Dos seus discursos, no monte da Luz, cheios de tropos inflamados e sujos, por não poderem ser cheios de lógica, de senso e de verdade.

Pois é pena!

### Contraste

Há quem trema pela sorte da Republica e ainda outros que, pensando nisso, rejubilam, sempre que acontecimentos anormais, como os de Lisboa, veem perturbar o sossego—indubitavelmente necessário para a boa função da vida nacional.

A este propósito e em estrada demonstração histórica, escrevia há dias o sr. José de Alpoim, no intuito evidente de pacificar os ânimos timoratos, que desde 1834 até 1851, a história da Liberdade em Portugal, simbolizada no trono de D. Maria 2.ª, era um tecido de revoluções, tumultos, sedições, lutas, entre o conservantismo e o radicalismo.

Que admira, pois, que na conjuntura a história se repita?

### VIDA POLÍTICA

#### Eleição da Comissão Municipal Republicana do Partido Republicano Português, no concelho de Guimarães.

Com uma concorrência extraordinária de eleitores, procedeu-se no domingo pretérito à eleição da comissão politica que durante um biênio tem de dirigir a acção do Partido Republicano Português, neste concelho. O acto eleitoral, que decorreu na mais perfeita ordem, foi presidido pelo presidente da comissão cessante, cidadão Mariano da Rocha Felgueiras, verificando-se que deram entrada na urna 362 listas—importante votação que alguma vitalidade representa, e que muito significativa é entre nós.

Feito o apuramento—bastante moroso em vista de muitos outros nomes também terem recebido votação—foram proclamados eleitos os seguintes cidadãos: Efectivos:—António Justino Ferreira, Guilhermino Alberto Rodrigues, Júlio António Cardoso. Manuel Bernardino Araujo Abreu e Mariano da Rocha Felgueiras.



**Substitutos:**—Abel de Vasconcelos Cardoso, Armando da Costa Nogueira, João de Faria e Souza Abreu, Joaquim Cardoso Guimarães e Joaquim Martins de Menezes.

**Eleição das comissões paroquiais republicanas das freguesias da Oliveira, S. Paio e S. Sebastião.**

Nos termos da parte final do § único art. 26 da Lei Orgânica do Partido Republicano Português, são convocados todos os cidadãos das freguesias de Santa Maria da Oliveira, S. Paio e S. Sebastião, inscritos no cadastro partidário, para, no dia 18 de Maio, pelas 13 horas, na sede do Centro Republicano de Guimarães, se proceder à eleição das Comissões Paroquiais Republicanas das referidas freguesias, conforme o disposto no artigo 25.º da mesma Lei.

Guimarães, 6 de Maio de 1913.  
Pela Comissão Municipal Republicana de Guimarães,

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

### Cantina Escolar Vimaranesa

Reuniu hoje, pelas 11 horas, a direcção desta instituição de beneficência, a fim de verificar e encerrar as contas da sua gerência do mês de Abril findo, e o balancete geral, que é o seguinte:

#### BALANCETE

RECEITA	
Saldo do mês de Março.	74\$420
Subsídio da Câmara Municipal.	500\$000
Subsídio da Junta Paroquial de S. Paio	6\$000
Quotas de Fevereiro, recebidas	9\$820
Ditas anuais, recebidas	15\$180
<b>Soma</b>	<b>605\$420</b>
DESPESA	
Compra da cozinha e utensílios dos extintos jesuítas	66\$570
Importe de 30 pratos	750
Importe de senhas de folha	700
Pago à mercenaria	9\$655
Pago à padaria	11\$000
Despesas miúdas de cozinha e expediente.	10\$505
Ordenado da cozinheira	2\$140
Ordenado da servente	1\$760
<b>Soma</b>	<b>103\$170</b>
Saldo positivo para Maio	502\$250
Géneros em arrecadação	2\$325
Quotas a cobrar	75\$170
O tesoureiro,	

Luis Augusto de Pina Guimarães.

Verificou-se terem sido distribuídas 8170 refeições às crianças dos dois sexos, desde o início da Cantina, das quais 1726 no mês de Abril.

Deliberou-se, sob proposta do respectivo tesoureiro, depositar á ordem do mesmo, na caixa económica, a quantia de 450\$000 réis, ficando em cofre o restante saldo para ocorrer ás despesas mais correntes; e, entre outras deliberações tendentes a regularizar os serviços da directoria, vai ser elevado de 80 a 100 o número de crianças contempladas com as refeições, atendendo ás condições financeiras da Cantina e aos pedidos existentes, tendo também em atenção as crianças dos operários da indústria de cortumes, que se acha a braços com a crise de trabalho.

De D. Joséfa Freitas dos Santos foram recebidos alguns géneros, esperando a Cantina ver imitada pela caridade pública aquela louvável acção.

### Citânia

O artigo de fundo, que é da pena do nosso dedicado amigo e colaborador Alfredo Guimarães, foi transcrito da edição do «Século» destinada aos Açores e Brazil.

# A Igreja, a lei da Separação e o sr. dr. Alfredo Pimenta

De 1904 a 1911, falou o académico, o educador, o propagandista, o publicista e o mestre.

Em 1912 fala... o político!

Permitiu o sr. dr. Alfredo Pimenta que nós, humildes e velhos admiradores do seu talento e character, o interrogássemos das razões sobre que fundamentava a sua mudança de opinião quanto à Igreja e quanto à lei da Separação. A esta curiosidade, mais filha do interesse de querer saber do que da intenção de ferir o adversário partidário, respondeu-nos o sr. dr. Alfredo Pimenta desta maneira:—«Quanto à Igreja, **acusá-la**, (je nós vemos que o fizera com ímpeto, com alma, com intensidade!) não porque um estudo e um exame profundo a isso o determinasse, mas porque a Igreja tinha então ao seu serviço uma imprensa que lhe fazia nervos! Isto quer dizer que no dia em que essa imprensa volte, elle voltará igualmente a combater a Igreja, nos seus fundamentos e doutrinas, como o fizera antes. Quanto à lei da Separação, **defenderá-a**, (je nós vimos com que calor, com que brilho e com que entusiasmo!) não porque fôsse essa a sua opinião, não porque, fazendo-o, satisfizesse uma indicação da sua vontade e do seu espírito, mas tam somente porque entendeu dever proceder assim **para não contribuir de modo algum para a divisão de opiniões, e não servir de arma nas mãos dos adversários de alguns homens da República—enquanto isso podesse prejudicar a mesma República.**»

Ora nós estavamos convencidos—profundo erro o nosso!—de que as chamadas conveniências políticas de momento, unicamente obrigavam a uma neutralidade feita de silêncio e de reserva condicional. Mas não!

Tais conveniências de alcance oportunista, podem levar-nos, pelo que sabemos agora do sr. dr. Alfredo Pimenta, a dizer o contrário do que pensamos, a mentir á nossa consciência, a iludir a boa fé dos que nos ouvem, a negar a verdade, a defender o erro, a ser Judas Iscariot, Frególi, camaleão, jesuita, hipócrita, impostor!

Triste sina, que nós arredaremos para bem longe!

Pois, se nos permitem, nós, humildes fazedores de gazeta provinciana, vamos revelar aos nossos leitores aquella razão que nelle, no sr. dr. Alfredo Pimenta, produziu tam lamentável fenómeno de negação. Basta que o mostremos dentro de um período de sete anos—para vermos que quem o obriga a mudar não é o resultado de novas convicções, mas sim o resultado de novos interesses... partidários!

#### Sempre coerente—até 1911

(Do seu livro, «Eu», publicado em 1904).

«Sacerdotes e Deus! ó Burgueses e Réis! Princesas do bom tom! Vergal-vos ante nós! O' Tronos e Altares! Exércitos e leis! Maldito sejal vós!»

(Do seu livro «Para Minha Filha», publicado em 1905).

Levar-te á Igreja?—para quê?—dize! Almas escuras que falais em tal—, Se no primeiro beijo que te del, Te disse que não fosses pelo Mal?

Do seu livro *O Fim da Monarquia*—1906.

«A religião que tornava os Hebreos inimigos da arte e da sciência, porque acima de tudo estava Jehovah; ela que, cristianismo fanático, destruiu a celebre biblioteca de Alexandria, e que proclamava, pela boca de Tertuliano, que toda a curiosidade do espirito, depois de Cristo, era inútil, e que proibiu por uma bula papal, a leitura do inofensivo Aristóteles; ela que tem, contudo, transigido quando vê o terreno mal seguro debaixo dos pés. **é hoje a principal causadora do estado de atraso em que se encontra o povo.**»

(Do seu livro, «Factos Sociais», pag. 188 a 194, a parte escrita em 1907).

«O Catholicismo, apesar de todas as suas transigências aparentes como essa do socialismo cristão apregoado por Leão XIII, é uma seita reaccionária que quer manter a sua autonomia e a sua preponderância fora do tempo que lhe compete. Se, em épocas passadas, a sua idea universalista conseguiu prender diversos povos para o mesmo intuito, hoje essa pretensão, por tendência anti-científica, não pode admitir-se.»

«O Catholicismo vem entrando a marcha do progresso, obscurecendo e perturbando.»

E o Catholicismo com estes principios tem sido a desgraça dos homens.

De tudo isto é fácil concluir o carácter do Catholicismo e da sua moral. Moral revelada por um deus fictício e transmitida aos homens por uma classe parasita e baixamente egoísta, ela tem levado o individuo á inferioridade e á degradação.»

(Da mesma obra, pag. 212 a 251, a parte escrita em 1908).

«Numa época em que o sentimento católico é simples aparência,

Desde o século XVI que o Catholicismo tem perdido terreno. Primeiro os combates do Protestantismo, o deísmo crítico depois, o estado positivo da Sciência a seguir, todos contribuíram para que o Catholicismo hoje não seja mais que uma mera formalidade.»

Uma religião portanto que a sciência vem definir como primitivamente saída dum desses desgraçados que de mãos postas e olhos no céu se afirmam Messias e filhos de Deus e que os médicos estão habituados a estudar e tratar, não pode resistir ao tempo que tudo subjugava e á Razão humana cada vez mais solidamente orientada e mais segura do seu lugar.

A Religião Positiva, tudo o indica, encontra-se com todas as qualidades próprias para o papel que lhe é destinado a desempenhar pela força das circunstâncias, em substituição do Catholicismo moribundo e retrógrado e do Criticismo negativo, estéril e desordenador.»

De dois artigos na «Voz Pública», em 1909

«Não nos cançamos de repetir que o nosso verdadeiro inimigo está no campo clerical; e não nos cançamos de repetir também que demasiado desleixados teem sido os liberais portugueses.»

O cancro dinástico roe nos; mas o cancro clerical desmoraliza-nos.

temos como certo que a reacção católica se prepara para simultaneamente em vários lances reaver o poderio antigo. E parece-nos que quem mais força lhe dá são precisamente aqueles que se dizem seus adversários, mas que a vão servindo, quando já não seja pelos seus actos positivos, pelas suas complacências, pelas suas transigências, pela sua passividade.»

Da sua conferência «Reaccionários e Liberais», 1910.

Em Portugal, o que se manifesta é o catholicismo, partido político, ou jesuitismo. E' a este que nos dirigimos com as armas na mão. E' a este que se encontra na nossa frente como nosso inimigo feroz.»

(Da sua conferência no Liceu Passos Manuel, de Lisboa, em Maio de 1911).

«O espirito religioso na América e mesmo na Europa não significa a revivescência da Igreja Católica, como sofisticadamente o afirmam os católicos.»

Entrando no problema relativamente ao nosso país, o conferente justifica a Lei da Separação no ponto em que ella domina a Igreja.

Nas circunstâncias especiais em que a nação portugueza se encontra, com o passado que todos conhecemos, vítima da acção reaccionariamente feroz da Igreja Católica, o Estado portuguez não podia deixar a Igreja naquella ampla liberdade que ella reclama e que elle, conferente, no isolamento do seu quarto de trabalho, vivendo na região das ideas puras, é o primeiro a reconhecer legítima. Mas dar em Portugal, á Igreja Católica, essa liberdade, era permitir, se não fomentar, a acção nefasta de Roma, íntima aliada dos Braganças e de todas as reacções.

Sendo a Igreja Católica, em Portugal, uma fonte de ódios, necessário seria mantê-la domada até que o espirito e o character da nação portugueza estejam em condições de não se deixarem corromper. A Lei da Separação que a República promulgou foi, pois, oportuna e necessária. Ella mereceu todo o nosso aplauso, embora em pontos secundários possamos divergir dela, pois representa, de facto, um avanço enorme na libertação da nação.»

#### Agora... o reverso de ontem

Como deixamos demonstrado, o sr. dr. Alfredo Pimenta, não

obstante abandonar, de 906 para 907, ideais antigos e de rectificar pontos de vista sobre «concepções construtivas», como escreve a pag. 106 do seu livro «Factos Sociais»,—a verdade é que manteve sempre integras as suas opiniões críticas quanto á Igreja, abandonando-as, em grande parte, somente naquelle dia em que, havendo-se filiado num partido, principiou a apregoar o elixir Evolucionista!

Pois não há dúvida que evolucionou... para traz.

E' ver:

(Da sua conferência no Centro Evolucionista de Coimbra, em Novembro de 1912).

«O organismo que actualmente ainda melhor representa o sentimento religioso, é a Igreja Católica. Quem anda a par do movimento religioso europeu sabe bem que no fundo das transformações que actualmente se estão dando, fica permanente e estável o espirito católico. Pensar em destruí-lo é uma loucura. Supor que é fácil destruí-lo com leis ou discursos é uma inépcia.»

(Da sua conferência na Associação dos Empregados de Bancos e Companhias, de Lisboa, em Fevereiro de 1913.)

«As religiões são pois forças organizadas a aproveitar e nunca inimigas a combater.»

Depois, Sciência e Religião não são incompatíveis.

Qual das igrejas actualmente existentes dominará este intenso movimento religioso que na Alemanha e nos Estados-Unidos, em Franca e na Inglaterra, se está manifestando? Tudo leva a crer que seja o Catholicismo. O seu passado, a sua organização disciplinar, a perfeição da sua hierarquia, o seu prestígio moral que nada pode sofrer com os erros dos homens, tudo isso o coloca em condições de superioridade sobre qualquer outra confissão.

(Da «República» de 13-3-913.)

«A lei da Separação, notável pela maldade, pela estreiteza das suas malhas, obra de Torquemada laico, foi a grande machadada na alma da nação, perturbando e desorientando tudo e todos. Só no microcefalismo do sr. Afonso Costa podia caber a idea de abrir brecha na Igreja Católica, e de substituir ao Papa na direcção de alguns milhões de católicos portugueses.»

Disse isto, meses depois, o sr. Alfredo Pimenta; da mesma lei que, á parte uns pontos secundários, era uma lei oportuna, necessária, uma lei notável e que lhe merecia todo o seu aplauso por representar um avanço enorme na libertação da nação!

—; E mais tem sido a mesma lei suavizada e ainda não integralmente cumprida!...

Em conclusão: O sr. dr. Alfredo Pimenta confirma, pelo seu próprio exemplo, o que diz no seu livro «Aos Conservadores Portuguezes», a pag. 19, publicado em 1911, em antes da for-



mação dos partidos dentro da República. Dizia elle:

«O *bas-fond* dos partidos é uma escola miserável de trampolinice e de fadistagem; pois é nele que repouza todo o mecanismo da sua organização, muitas vezes o segredo do seu poder. Constituído e organizado, o partido político militante desenvolve a sua tática, visando o advento do poder. Todos elles apresentam duas direcções debaixo das quais está completamente esboçado o seu *processus* de viver: uma propriamente negativa, que consiste na campanha de destruição sistemática dos actos dos partidos contrários; outra, por assim dizer positiva, que consiste em prometer sempre mais do que prometeram ou realizaram os seus antagonistas.»

E comentando ainda com palavras do sr. dr. Alfredo Pimenta na mesma citada obra, nós diremos, para findar:

São estes espectáculos da politica dos partidos que contribuem para a descrença pública, a indiferença dos cidadãos, a anarquia nas ideias.»

Simplemente bem o prêga Frei Tomás... jo que faz pena porque o sr. dr. Alfredo Pimenta é um novo, com talento!

Educação cívica

Formando cidadãos

Pelo ministério da guerra, e por intermédio da inspecção de infantaria da 8.ª divisão militar, foi feito convite ao official colonial, reformado, Capitão Luis Augusto de Pina Guimarães, para cooperar na instrução preparatória aos mancebos dos 7 aos 17 anos. Não obstante o nosso querido amigo, secretario de redacção, ter já oferecido ao seu país brilhantes feitos de armas, em campanhas de Africa, e pelas quais conquistou bem altas recompensas, — quiz, apesar disso, aproveitar o ensejo de pôr o seu amor de patriota ao serviço da República, aceitando, pois, gostosamente, o convite para colaborar na grande obra de regeneração nacional que pelo ministério da guerra se vem empreendendo. Nesta disposição tomou para si, sem dispêndio algum para o Estado, o encargo de ministrar — Educação Cívica, 1.º grau, ensino que tem lugar às segundas e sextas feiras, e que foi já iniciado nas aulas de S. Francisco e nas Escolas Centrais.

Aberto o curso com algumas palavras de apresentação proferidas pelo professor Felix e pelo director da escola do sexo feminino, sr. Mário Vieira, iniciou as suas 1.ªs lições o illustre official prelector, o qual numa linguagem acessível e com argumentos ao alcance dos seus pequenos alunos, assim os manteve durante as lições interessados no assunto dum sugestivo têmea.

Programa do ensino

O que é a pátria e a independência.  
 Ideia sucinta da fundação de Portugal e das lutas para a sua conquista.  
 Crises de independência ou invasões estrangeiras.

Acção colonial e civilizadora de Portugal.

Necessidade da preparação para o serviço militar.

Noção geral da organização do exercito.

Preceitos da lei do serviço militar e operações de recrutamento.

A disciplina, base essencial dos exercitos e da força colectiva.

Idea geral dos sistemas politicos ou dos governos das nações, Manual de Trindade Coelho.

Caracteres do regimen democratico: alargamento de liberdades; igualdades de direitos, aperfeiçoamento social, justiça.

Questões sociais: sua solução dentro da lei e da ordem.

Condições essenciais do progresso: trabalho, instrução, ordem.

Direitos e deveres do cidadão.

Melhoramento económico pelo trabalho, economia, cooperação, associação.

Serviços sociais da paróquia e do município.

Lei constitucional da República. Código administrativo.

Direito de voto e o seu exercicio.

A casa do crime

O chamado Samuel, proprietário do bairro de S. Simão, foi encontrado um dia de manhã pelos marinheiros, na margem do canal. Estava metido num sacco e cortado em cinco pedaços. Bem se encontrou a cabeça, o tronco, a perna direita, a perna esquerda e o braço direito. Porém, o braço esquerdo não appareceu. Esta circunstancia explica-se pelo facto de, aos cinco anos, elle o haver perdido.

Samuel habitava uma casa de recreio no arrabalde Cugat, n.º 29. O procurador da República resolveu portanto começar por ali as suas investigações em companhia dalgumas pessoas, magistrados ou publicistas. Era um velho procurador de *faro* justamente reputado.

Chegaram todos ao pé duma luxuosa gradaria de ferro. O seralheiro da expedição sacou dos instrumentos necessários e fechou a fechadura.

—Notareis, diz o procurador, que o assassino tinha a chave do portão; como acabais de ver, estava fechada à chave. Era um familiar da casa, concluiu.

—Lá isso, aventou um dos circunstantes, podia ter saltado por cima das grades.

—Então que querem dizer estes indícios de passos? Preguntou friamente o velho juiz.

Olhamos para o solo. Uma imperceptivel depressão na alicha saibrada, ao lado do portão, não escapára ao procurador.

—São indícios de passos muito leves, observa elle, que tentaram fazer desaparecer.

Eis-nos juntos da casa, no extremo duma alameda folhuda. Completo sossêgo depois do drama. As portas e janelas estão herméticamente fechadas. O seralheiro força segunda fechadura, no patamar.

A seguir, um a um, penetramos numa ante-câmara escura que pouco e pouco se vai iluminando. A emoção aperta-nos a garganta. Só o velho *perdigueiro* se conserva frio, entre as suas suissas impassíveis, enquanto o seralheiro força terceira fechadura.

As cadeiras estão encamisadas. Com dedo certo, o procurador designa um armário onde se devem encontrar pratas. O armário está vazio. O roubo foi o móbil do crime.

Na cozinha, onde fatalmente o proprietário foi desfeito em pedaços, o chão devia ter sido lavado. Depois do que, o homicida, levantando dos móveis uma porção de poeira, lançou-a numa camada igual sobre as lages, tam bem que nada revela a lavagem e que qualquer vista, por mais

penetrante, facilmente se enganaria, salvo, é claro, a vista absolutamente segura e exercitada do velho juiz.

Agora o dedo do procurador, apontando o último degrau, ao fundo da escadaria de pedra, pareceu fazer surgir um botão de calça providencial, com a marca do alfaiate, e que, desde o assassinato de Abel, inevitavelmente os assassinos esquecem no lugar do crime. **Audibet, alfaiate.**

Quem o conhece? O guarda deve conhecê-lo. Onde está o guarda?

Precisamente o guarda chega esbaforido.

—Senhor procurador! Senhor procurador! Não é no n.º 27-bis, mas no 29 que habitava Samuel. Há três quartos de hora que lá estou à vossa espera.

Tristan Bernard.

Tradução da «Alvorada».

JORNAL PARA TODOS

Ainda as "grisetas," do Internato Municipal

Meu caro amigo

No último numero do seu jornal, na local epigrafada «O caso das luminárias», há uma pequena confusão que julgo dever esclarecer.

No dia 20 de Abril, dia em que se desenrolaram os acontecimentos a que se referiu, quando cheguei ao Internato já tudo havia sido apaziguado pela chegada do ex.º sr. José Pina, reitor do Liceu, não tendo eu, pois, ocasião de obstar a maiores desacatos.

...E nada mais, por enquanto.

Creia-me amigo certo,

José Rocha.

...Sr. Redactor

Tendo-se occupado a imprensa desta cidade d'este tão singelo caso, em que o nome da Prefeitura anda envolvido, era nosso dever, de há tempos, vir a campo dizer da nossa justiça. Mas, visto que a ex.ª Câmara houve por bem mandar proceder a um inquérito, reservamo-nos para que, finda a sindicância, possamos devolver a carapuça a quem de direito pertence.

Desculpe, sr. redactor, o espaço que lhe roubamos e creia-nos sempre

De v...

Os Prefeitos do Internato Municipal.

Cinematógrafo «Etoile»

Continua a Empreza, que funciona no Theatro D. Afonso Henriques, a organizar espectáculos com o mais completo agrado do público frequentador.

Idilio Cómico

A poesia da nossa primeira página é do magnifico livro—*O Canto da Cigarra*.

Câmara Municipal

Sessão de 16 de Abril

Presentes os cidadãos José Rodrigues Leite da Silva, Júlio Cardoso, Abreu Guimarães, Clemente Dias Pereira e Vitorino Sampaio.

Foi deliberado inserir em acta um voto de profundo sentimento pelo falecimento dos srs. dr. António Vieira de Andrade, presidente que foi d'este município, e Mariano Augusto da Rocha, amauense aposentado da Câmara e sogro do actual presidente da Comissão Administrativa.

Arrematação

Cumpridas todas as formalidades legais procedeu-se à arremata-

ção de parte do projecto da obra de reparação e melhoramento do caminho público que desde a estrada municipal n.º 4, lança de Covas a S. Simão, segue para a freguesia de Pinheiro, pelo lugar do Meirinho, sob a base de licitação de 290000 réis; foi adjudicado a José Borges Teixeira de Barros, pela quantia de 289500 réis.

Balanco

Ficou inteirada do balanço relativo à semana finda o qual accusa os seguintes saldos: Em depósito na Caixa Económica 6:500000 réis; idem, na Caixa Geral de Depósitos 3:047000; e em dinheiro no cofre 6200806 réis.

Offeios

Da Comissão Distrital de Braga, remetendo, aprovado, o projecto para a obra de reparação e melhoramento do caminho público nos lugares das Paredes, Norte e da Boa-Vista, que dirige desta cidade às freguesias de Urgezes, Pinheiro, Gêmeos, S. Tomé e S. Cristovão de Abação; inteirada.

—Do Governador Civil, devolvendo a representação que a Câmara dirigiu ao Ministro do Interior, visto, por circular de 20 de Julho último, o sr. Ministro resolver não conceder autorização para preenchimento de lugares vagos nos quadros das Câmaras Municipais e Administrações do Concelho, em razão de estar pendente a aprovação do novo Cod. Adm.; inteirada.

—Dos srs. Ministros do Interior e do Fomento comunicando que, tendo sido votada por lei de 17 de Janeiro findo a verba de duzentos mil escudos para a construção de edificios para escolas primárias, segundo os modelos superiormente aprovados, e desejando o Governo que da sua applicação provenham as maiores vantagens para o Estado, e também que a resolução do Congresso da República corresponda a maior soma possível de dedicações pela causa da instrução, chama a atenção da Câmara para o questionário que faz parte da circular; inteirada.

—Do Presidente da Cantina Escolar Vimaranesense, comunicando a eleição da nova direcção e a sua posse. Roga a expedição da ordem de pagamento da verba com que esta Câmara subscreve para ajuda das despesas da Cantina, a favor do respectivo tesoureiro, e conclue por testemunhar à Câmara o seu reconhecimento pelo beneficio que presta a tão simpática instituição de caridade, instituição verdadeiramente municipal; o sr. Vice-presidente informou que tinha sido imediatamente expedida a ordem de pagamento solicitada; inteirada.

—Do Presidente da Comissão Concelhia de Administração dos Bens pertencentes ao Estado, remetendo uma cópia do officio dimanado da Comissão Central referente ao assunto de que trata o officio desta Câmara, de vinte de Fevereiro último; resolveu responder, quanto à 1.ª parte, que a despeza a fazer com a demolição é superior ao valor do material, e quanto à 2.ª parte que se solicitasse informação do cidadão Sub-delegado de saúde, deste concelho.

Requerimentos

Da Firma Industrial Costa Ladeira & C.ª, pedindo licença para aumentar a frente da fábrica e vedar o terreno junto confinante com a rua Trindade Coelho; concedida.

EDITAL

O Cidadão Guilhermino Alberto Rodrigues, Administrador do concelho de Guimarães; Faz saber, em conformidade do art. 143.º do Decreto de 21 de Setembro de 1901, que se acha a concurso durante o prazo de 20 dias, a contar da data do

presente edital, a arrematação do rancho a fornecer aos prêsos indigentes das cadeias desta comarca, desde 1 de Julho do corrente ano até 30 de Junho de 1914.

As condições e cláusulas da arrematação acham-se expostas durante aquele prazo, na secretaria da Administração d'este concelho.

Para constar se lavrou o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares mais públicos.

Guimarães, e Administração do concelho, 5 de Maio de 1913.

E eu Manuel de Freitas Aguiar, Secretário o escrevi.

Guilhermino Alberto Rodrigues.

Venda de quintas Bom emprêgo de capital

No dia 13 de Maio vão à praça no Ministério de Finanças, em Lisboa, pelas 12 horas, a quinta do Carvalho de Cima, sita na freguesia de Brito, do concelho de Guimarães, no valor de 1.260\$760 réis, e o casal da Maia, sito na freguesia de S. Paio de Figueirêdo, do mesmo concelho, no valor de 1.225\$760 réis.

Estas duas quintas sitas ao pé da fábrica de Campelos, cortadas pela estrada de rodagem de Brito para Figueirêdo e a 5 kilómetros da cidade de Guimarães, e ainda a menos distancia da povoação das Caldas das Taipas, pagam de renda cerca de 1.120 decilitros de milhão e já tem produzido cerca de 30 pipas de vinho.

Pertencem à Misericórdia da vila de Felgueiras e vão à praça por tam pequeno valor, porque é esse o seu valor nas antigas matrizes.

No mesmo dia e hora arremata-se na repartição distrital de finanças, em Braga, o casal do Ribeiro do Moinho, sito na mesma freguesia de Figueirêdo, e que vai à praça em 320\$380 réis.

O valor real dos três casais, cuja situação é admirável, é superior a 12.000\$000 de réis.

EDITAL

1.ª Publicação

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal do concelho de Guimarães:

Faz público que na secretaria municipal se acha em exposição pelo prazo de 10 dias, a contar da data d'este, o 1.º orçamento suplementar ao ordinário do corrente ano, pelo que nos precisos termos da lei, convida todos os munícipes e demais interessados a virem aqui ver e examinar o aludido orçamento, e, dentro do prazo legal, apresentarem as reclamações que tiverem por conveniente fazer, a fim de terem o devido destino.

E para todos os fins legais, se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do costume e estilo.

Guimarães, Secretaria Municipal, 2 de Maio de 1913. E eu José Maria Gomes Alves, escrivão o subscrevi.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.



# “ADESA,”

MARAVILHA CIENTÍFICA MODERNA

O «Adesa» limpa automaticamente, e por um processo novo toda a qualidade de metais, prata, ouro, joias e pedras preciosas



Com o «Adesa», podem limpar-se ao mesmo tempo mais de 50 objectos sem ser preciso empregar pós, pomadas ou outros ingredientes.

Com o «Adesa», acabou a fadiga de esfregar um objecto de cada vez para o limpar.

O «Adesa», não contém nem mercúrio nem ácido, é completamente inofensivo.

O processo «Adesa», é o mais limpo e mais barato.

Nenhuma senhora pode dispensar em sua casa o «Adesa», para limpar as suas pratas, e muito principalmente as suas joias, evitando os perigos de as mandar limpar fora.

(O «ADESA» é breveté em todos os países do mundo, e toda a contrafacção será rigorosamente punida).

Depositar e vendedor exclusivo: Em Guimarães  
AUGUSTO CUNHA & C.<sup>a</sup>

O «Adesa» vende-se em caixas, a começar em 200 rs.

## Do Chic da Moda

DE

CAMILO ALVES DE ALMEIDA

12, Praça de D. Afonso Henriques, 13 (Antigo Toural)

GUIMARÃES

Modas, fazendas brancas e miudezas. Especialidade em panos brancos, rendas e bordados para enxovais. Chá preto e verde.

## Horário dos comboios

(Rectificado)

### PARTIDAS

Para a Trofa

5,54—Diário. Liga, 1 hora depois, com o Pôrto, Minho e Douro, por Ermezinde (P. 8,27) e Póvoa; para o Sul, de Campanhã, ás 8,48.  
8,16—Dias úteis—Rápido. Liga com o Pôrto (C. 10,30), Braga e Valença (P. 8,45); para o sul (oeste), de Campanhã, ás 11,40.  
10,49—Idem. Liga com o Pôrto (C. 13,26).  
13,29—Diário. Liga, 1 h. depois, com o Pôrto (C. 16,43) e Douro, por Ermezinde (P. 17,12); com Valença, Braga e Póvoa (P. 14,21).  
16,41—Idem.—Correio. Liga com o Pôrto (C. 19,28); e Douro por Ermezinde, (P. 18,48); com Valença e Braga (P. 18,59); com o Sul, de Campanhã, ás 20,25.  
19,30—Domingos—Liga com o tranway n.º 36 do Minho para o Porto (C. 22,04)

Para Fafe

8,21—4.ª feiras e 22,11—Dias úteis.  
11,34—Correio, e 16,49—Diários.  
21,36—Dom., feriados e dias santificados.

### CHEGADAS

Da Trofa

9,44—Dias úteis, Liga com Valença, Braga e Póvoa (P. 5,33)  
11,27—Diário.—Correio. Liga com o Minho (P. 8,45) (C. 10,30).  
16,41—Idem. Liga com o Minho (P. 14,21) (C. 16,43).  
18,51—Dias úteis.—Rápido. Liga com o Pôrto (P. 16,50).  
21,29—Domingos, fer. e dias santif. (Ligam com o Minho (P. 18,59) (C. 19,28).  
22,02—Dias úteis.

De Fafe

5,46, 10,39 e 16,31—Correio. Diários, que partem de Fafe ás 4,50, 9,43 e 15,35 Domingos. Comboio que parte de Fafe ás 12,28.

### Apeadeiros

Exceptuando os rápidos, há paragens de 1 minuto em Espinho, Madalena e Covas; e não para em Espinho o comboio que chega ás 21,29. Na linha de Fafe há paragens na Penha e Cepães, e na Arcela, aos sábados, há também paragem pelo comboio das 16,49 (ida).

INDICAÇÕES:—Os comboios sem designação são mixtos. As horas entre parêntesis, precedidas de P. e C., designam as partidas do Pôrto e as chegadas ao Pôrto. As partidas de Vizeia para Guimarães antecedem proximamente 20 minutos a hora de chegada a Guimarães.

## DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamelas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato.

Seriedade e segredo.

O proprietário,

João Vellozo de Araujo.

## Sapataria Vimaranense

—DE—

António José Mendes

5, Rua Dr. Avelino Germano, 9 (Antiga Rua de S. Paio)

GUIMARÃES

Nesta oficina faz-se e encontra-se um grande sortido de calçado, como: botas para homem, com solas de borracha, ditas de «estar-calf» para homem, em preto ou de côr, ditas de bezêro, preto ou branco, ditas de «chevraux» preto para senhora e um enorme e variado sortido de calçado de luxo para criança, etc., etc.

## A PRODUTORA VIMARANENSE

Sociedade Cooperativa das Quatro Artes de Construção Civil—Responsabilidade Limitada

Rua 31 de Janeiro—GUIMARÃES

Esta sociedade operária encarrega-se da execução de quaisquer trabalhos concernentes às artes de pedreiro, carpinteiro, caiador e pintor, para os quais dispõe de pessoal habilitadissimo, como na prática se há demonstrado, resultando desta circunstância e da seriedade nos diversos trabalhos, grande economia para os Snrs. proprietários das obras, atendendo às vantagens de que gosam as Sociedades Cooperativas.

Na sua oficina executam-se quaisquer trabalhos avulsos e a preços módicos.

## INTERESSES NO BRAZIL

O Escritório de Direito Internacional, à rua do Hospício n.º 79—Rio de Janeiro—, dirigido pelo dr. Carmo Braga, formado pela Universidade de Coimbra, com longa prática

de advocacia em Portugal e no Brazil, advogado do Banco Aliança do Pôrto, da Beneficência Portuguesa e da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, trata especialmente de todas as questões relativas a Direitos e interesses de portugueses no Brazil, inventários, habilitações, partilhas, execução de testamentos, providências para evitar a arrecadação judicial de bens e heranças de ausentes, etc. Também aceita procurações para administração de bens no Rio de Janeiro, cobrança de alugueis, rendas, juros dividendos, compra, venda e hipoteca de prédios, averbamento de papéis de crédito, transferências, etc.

Escritório Filial no Pôrto, dirigido pelo solicitador sr. João Fernandes Amaral,—rua da Fábrica, 78. Para referências em Guimarães—com os srs. Fernandes & Cruz, e com os advogados drs. António do Amaral e João Rocha dos Santos.

## ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura

Ano . . . . . 1\$200 rs.  
Semestre . . . . . 600 "  
Brazil, ano (moeda forte) . . . . . 2\$500 "  
Número avulso . . . . . 30 "

Preço das publicações

Anuncios e comunicados, por linha . . . . . 40 rs.  
Repetição, por linha . . . . . 20 "  
Permanentes, contracto convencional.  
Anuncios, não judiciaes, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.

ALVORADA

Do Cidadão

Livraria editora  
GUIMARÃES & C.<sup>a</sup>

Augusto I. da Cunha Guimarães

Colecção Horas de Leitura

Ultimos volumes publicados (a 200 réis):

22. A Dama das Caméllas, de Dumas, filho (4.ª ed. ilustrada)—47. História de um beijo, de Eschrich (2.ª ed.)—73 e 74. A Obra, de Zola—75. Geneveva, de Lamartine—76. Um filho do povo, de Eschrich—77 e 78. O crime do padre Mouret, de Zola—79. Casamentos Nalgos, de Feuillet—18. O Rosquedo, de Delfim Guimarães (2.ª ed.)—80. Amor Trágico, de Abel Hermant—81. A Religiosa, de Diderot—82 a 84. Ana Karenine, de Tolstoi—85 e 86. A besta humana, de Zola—87. O Pescador d'Islandia, de Loti—88. O Refúgio, de Cesar Pôrto.

A Publicar:

Deus e o diabo, de Karr—Promon Jr., de Daudet.

Colecção Sociológica

(Últimos volumes publicados (a 300 réis)

VI. A dor universal, de S. Faure—VII. O amor livre, de Carlos Albert—VIII. O socialismo, de H. Leone—IX. A sociedade futura, de J. Grave—X. Palavras dum revoltado, de P. Kropotkine—XI. O capital, de Carlos Marx—XII. Psicologia de militar profissional, de Hamon—XIII. A caminho da união livre, de Naquet.

A sair:

Como falava Zaratustra, de Nietzsche—A grande revolução, de Kropotkine.

Colecção Vitor Hugo

Volumes publicados (a 200 rs. brochado e 320 rs. encadernados)

1 e 2. Os homens do mar—3 a 5. O homem que ri—6 a 13. Os miseráveis 14 e 15. Noventa e três—16 a 18—N.ª Sn.ª de Paris.

A sair:

Bug Jargal—Han-d'Islandia.

Colecção Alegre

Ultimos volumes publicados (a 800 réis

IV. Histórias garotas, de A. Silvestre—V. Amores e aventuras, de Casanova—VI. Diabruras da mãe Eva, de A. S. Silvestre—VII. Monstros parisienses, de Catulo Mendés—VIII. e IX. Amores de Pabulas.